

PREFÁCIO

Enivalda Nunes Freitas e Souza¹
Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro²

A ciência opera avanços tecnológicos, os séculos se desdobram com suas promessas e frustrações, as formas de expressão se refundam em novos formatos, mas o homem permanece o mesmo: um ser pensante mergulhado em seus abismos de solidão, incertezas, incompletude, a aguda consciência da morte... Em seu trânsito cultural, histórico, linguístico, psicológico, o homem produz imagens, símbolos, mitos, linguagens simbólicas que gravitam em torno do medo, do amor, da rejeição, das provas, da inadaptação cultural e que funcionam como mecanismos de escape e de reinvenções de um ser humano mais reintegrado consigo mesmo e com os outros. O sonho talvez seja o primeiro campo em que passeiam imagens conflitantes ou apaziguantes, ou provocativas, sinalizadoras de estados psíquicos que carecem de reflexão, conforme a psicanálise tem investigado. Por sua vez, a literatura e as artes são fiéis mecanismos de apreensão e recriação das formas simbólicas que acenam para estes estados do ser humano, as vivências originárias que transcendem tempo, espaço, etnia.

Pelo viés antropológico, Gilbert Durand buscou em Mircea Eliade, Carl Gustav Jung, Gaston Bachelard, as noções de mito, arquétipo, símbolo e imagem, elementos estes constitutivos do campo simbólico, para sistematizar a Crítica do Imaginário – que se completa com outros campos do saber e outros estudiosos para pensar o ser humano em todas as suas potencialidades – conforme aponta Ana Maria Lisboa de Mello em entrevista

¹ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Graduação e Pós-Graduação. Coordenadora do GT "Imaginário, representações literárias e deslocamentos culturais" (ANPOLL). É autora do livro *Flores de Perséfone: a poesia de Dora Ferreira da Silva e o sagrado* (2013), e organizadora de *Poesia com deuses: estudos de Hídrias*, de Dora Ferreira da Silva (2016), além de coorganizadora das obras *Roteiro poético de Hilda Hilst* (2009) e *Sonho de um repentista – versos do poeta logográfico Canelinha* (2009). eni@ufu.br

² Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Graduação e Pós-Graduação. Vice-coordenadora do GT "Imaginário, representações literárias e deslocamentos culturais". Coeditou o Dossiê "Imaginário, representações literárias e deslocamentos culturais" (2015), da Revista *Letras & Letras* (EDUFU). É autora de capítulos como "O antigo Portugal no Brasil renascido?: o mito do império luso-brasileiro em Caramuru, de Santa Rita Durão" (2014). elzimar.fernanda@ufu.br

ao primeiro número da *Téssera*: "a crítica do imaginário responde às nossas inquietações sobre a linguagem, o sentido, a interpretação de nosso lugar na sociedade", porque o homem se expressa simbolicamente, e constantemente cria e recria mitos, sua forma intuitiva e não racional de enfrentar a vida, dominar a morte. Por isso, mesmo quando uma obra se inscreve muito fortemente no domínio da crítica social, dos problemas histórico-políticos de uma determinada cultura, em camadas mais profundas da linguagem encontramos os extratos simbólicos em sua compleição universal e atemporal, aqueles que reencenam os políticos tiranos, os heróis destemidos, o povo subjugado por poderes humanos e divinos, haja vista *Antígona*, *Prometeu*.

Por outro lado, um poema onírico, metafísico, uma canção erótica, aguçam nossa compreensão para entraves do inconsciente, da identidade, da sexualidade, da frustração amorosa. Ovídio e Platão já encenaram as várias faces do amor: o medo de abrir-se ao outro, o fechar-se em si mesmo, a humilhante e a altiva força que se alternam na incansável busca amorosa, a fragilidade instaurada pela separação que leva ao enalço da cura... Esse amor que estraga e conserta é experienciado todos os dias e, coincidentemente, acabou por constituir a maior parte desse segundo número da *Téssera*, de temática livre.

O artigo que abre este número é a segunda parte do estudo "A importância social e simbólica do mito", de Ana Maria Saldanha, publicado no número inaugural da *Téssera*. Se, na primeira parte, o panorama traçado pela autora abarca desde as primícias do pensamento mítico até o surgimento de um campo de estudo que o privilegia, esta segunda parte é voltada a mapear algumas das principais correntes interpretativas sobre o mito, desde o século XX, sobretudo contemplando o viés antropológico e psicanalítico.

Partindo de uma análise do simbolismo mítico presente nas ilustrações do livro infantil *Chico moleque, um sonho de liberdade*, Vera Maria Tietzmann Silva produz uma leitura comparativa entre texto e ilustração, que resulta enriquecedora para ambos. Ainda mais, o artigo "Formas e cores do imaginário na construção de um mito" desvela a potência imagética das artes pictóricas, capaz de operar a transcendência do mito numa narrativa aparentemente singela, conferindo heroísmo mítico à luta de Chico Moleque (que comprou sua própria alforria ainda no século XIX) em busca de sua liberdade e a de seus descendentes, protegidos pelo quilombo Comunidade do Cedro, fundado por ele em Goiás.

Arthur Katrein Moura, no artigo "Ciclos míticos do Sul: espaço e imaginário em *Assim na terra*, de Luiz Sérgio Metz", explora a questão identitária e regional presente na narrativa do escritor sul-rio-grandense por um viés que conjuga a fenomenologia do espaço

bachelardiano e a mitocrítica de Gilbert Durand. A investigação se debruça principalmente sobre espaços da narrativa e da construção do narrador e do personagem Gomercindo, cujas vozes replicam diversas citações literárias e críticas, entabulando uma vasta discussão sobre tradição e legado – cultural e legado. O estudo se move entre as múltiplas intertextualidades que perfazem a narrativa de Metz, mapeando os elementos míticos que orientam e fazem emergir um sentido mais dinâmico e cíclico às identidades culturais.

O artigo “Figurações da voragem em *Duas iguais* (1998), de Cíntia Moscovich”, de Gabriel Silveira Martins, elege o tema da voragem, alçando-o à simbólica da alimentação, para investigar o sentimento e as relações amorosas da personagem Clara, concluindo que “o alimento também se faz símbolo, e na narrativa de Moscovich o alimento se apresenta de formas diferentes de acordo com a relação da protagonista Clara com os demais personagens: vai do mundano ao sagrado, da refeição como espaço familiar, passa pela convencionalidade dos ritos, até se presentificar em alimento simbólico-sagrado, tomado pelo corpo da personagem Ana”.

O entrelaçamento do amor, da guerra e da morte, refigurando a polaridade entre Eros e Tanatos, arquétipo universal e mote recorrente na literatura, sustenta o artigo “O imaginário do amor e da guerra em Mariana Pineda de García Lorca”, de Sueli Maria de Regino, investigado pelo viés da hermenêutica simbólica proposta por Gilbert Durand. Fios, cores, bordados, cenas marinhas, algarismos, vão formando constelações de imagens que intensificam o mistério do enlace do amor e da guerra.

Baseando-se na teoria junguiana, o artigo “Beatrice, um arquétipo junguiano”, de Pedro Theobald e Guilherme Scherer Malmann, propõe uma hermenêutica psicológica do romance de Hesse. A partir dos conceitos de *anima*, *self* e processo de individuação, Theobald e Scherer procuram compreender o percurso do protagonista Emil Sinclair, sobretudo em sua relação com Beatrice. Observando como a jovem acaba por impulsionar o equilíbrio psíquico de Sinclair, o estudo conclui que ela funciona como *animado* personagem central de *Demian*.

“O imaginário erótico na poesia de Gilka Machado: algumas reflexões”, de Maria do Socorro Pinheiro, investiga como se dá o erotismo no eu poético feminino, sobre quais imagens ele se assenta e se. A autora mostra que todo o ser que se dá no poema é erotizado: “Seu desejo tem voz, cheiro, cor, perfume. Chega no vento, reside nas árvores, no luar, no mar, no céu, na noite”. Esses elementos desencadeiam sensações de gozo, de entrega, de absorção, “sinto-lhe o hálito brando, / sinto-a como um vampiro / formidando,

todo meu ser sugando...”. Elencando as imagens do erotismo em Gilka Machado, a estudiosa localiza “elementos aéreos, ígneos, aquáticos e terrestres”, o que traz à sua pesquisa o fenomenólogo das imagens Gaston Bachelard e sua poética dos quatro elementos.

Sobre a poesia visceral de Hilda Hilst, Sandro Adriano da Silva, em “Sou menos/Quando não sou líquida”: poética e imaginação simbólica em um poema de *Alcoólicas* (1989), de Hilda Hilst”, desenvolve a tese de que “os poemas afirmam-se na ubiquidade do arquétipo água – desde sempre apontado como *arké*, fonte ou origem da vida e da morte – que os nutre no essencial, violento e ambíguo confluir da atividade imaginante da poeta. ” Além do tema proposto, que é o estudo da imaginação material do elemento água em *Alcoólicas*, são apreciadas questões poéticas em Hilda Hilst à luz de importantes estudiosos da poesia. Desta forma, conclui o autor, do poema analisado “emerge um *pathos* que confirma, no *corpo*, nos *ossos*, na *língua*, a palavra poética em torno da qual orbita um drama de linguagem”.

Por fim, assinalando a relevância das artes plásticas na intersecção com os estudos literários, sobretudo no que tange à expressão de conteúdos simbólicos, a *Téssera* entrevista a artista plástica Aninha Duarte, autora da obra *Aquarela Minas – série Símbolos e Signos* (1993), de onde se origina a capa desta revista. A artista discorre sobre aspectos caros à sua obra, tais como religiosidade popular, ex-voto, angelologia, os quatro elementos. São questões que nos levam ao aprofundamento da reflexão sobre o imaginário, complementando, desta forma, o teor dos artigos aqui expostos.

As Editoras